

| 31 | PROCESSOS EXTREMOS NA CONSTITUIÇÃO DA CIDADE: DA CRISE À EMERGÊNCIA

Manoel Antônio Lopes Rodrigues Alves

Esta proposta de Sessão Livre decorre de questões atualmente em desenvolvimento no projeto Urbanização e mundialização: novos processos de produção do espaço urbano, recentemente aprovado pela Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade de São Paulo. Esse projeto insere-se no NAPURb - Núcleo de Pesquisa em Urbanização e Mundialização, núcleo de apoio à pesquisa que congrega pesquisadores de diferentes nacionalidades e de diferentes unidades das universidades estaduais paulistas.

Essa proposta pretende apresentar dimensões dessa pesquisa bem como publicizar alguns de seus pressupostos e resultados iniciais. Dessa perspectiva, a proposta desta sessão livre justifica-se pela investigação de processos de conformação da cidade contemporânea que potencializem o cruzamento de saberes disciplinares relacionados à compreensão do fenômeno urbano, reexaminando os processos de conformação e configuração da cidade, a fim de possibilitar a apreensão de novas morfologias sócio-espaciais e suas relações com os novos conteúdos de processos de urbanização.

A cidade da contemporaneidade, de processos de urbanização que conduzem a dissolução do urbano, responde a parâmetros próprios de uma época de transição em que, embora a relação de experiência e/ou pertencimento ao espaço urbano persista em meio a um conjunto de transformações nas dimensões técnicas e tecnológicas, nos aspectos sociais e ambientais de produção do espaço, observa-se o empobrecimento dos sistemas simbólicos, a retração das formas de vida coletiva, a instrumentalização dos espaços de ação ou a redução do valor do público.

A cidade do presente, imantada por novas formas de linguagem e possibilidades de representação do espaço, pela influência da lógica neoliberal, passa a compor um novo imaginário urbano, uma nova imagem da cidade. Nela, cidade, fenômenos tão díspares como a ampliação dos meios massivos de comunicação ou a generalização das formas de consumo programado provocam um declínio significativo do sentido de primazia do espaço urbano.

No cenário da vida urbana contemporânea, de uma cidade que emerge constituída por textualidades e morfologias inéditas, que operam em um contexto sócio-cultural diferenciado, conformando micro-geografias de um cotidiano denso e de novas formas de apropriação, novas conformações de fenômenos sócio-espaciais promovem, no uso e apropriação do espaço, espacialidades e territorialidades distintas. Na cidade do presente fronteiras são borradas, novas tangências ganham um novo lugar. Um conjunto de práticas transborda para além de seus campos e limites se combinando em novos padrões, em novos híbridos difíceis de discernir - processos híbridos enquanto questão a ser pensada não apenas do ponto de vista de sua produção, mas do ponto de vista de sua recepção e contínua elaboração.

Nesse contexto, o fenômeno urbano, intensificado e ampliado na contemporaneidade, suscita um singular espaço de complexas relações sociais que se caracterizam por uma complexa rede de relações composta de usos, pactos, imposições, retificações e adequações mútuas. Para Delgado, a anti-cidade do presente desemboca na dissolução do urbano, na urbanização interpretada como submissão sem condições aos imperativos de distintas ideologias urbanísticas.

Nesse cenário de dissolução, de experiências atuais, via de regra superficiais e instáveis, os territórios das representações replicam-se acidentais, contaminados, contingenciais, híbridos,

mestiços, relativos, sincréticos; os deslocamentos de posicionamentos econômicos, identitários, sócio-culturais e políticos promovem um fluxo recorrente de instabilidades. Por outro lado, a incorporação cultural e a prática de novas urbanidades requalifica o espaço urbano e o torna centro de disputas, tanto para a consolidação de novas identidades quanto para a reivindicação da visibilidade pública das diferenças (do reconhecimento político do diferente).

Nesse contexto, as táticas e as estratégias que se detectam, via de regra, podem ser entendidas como respostas ao fluxo dos mercados globais e suas atuações concretas no momento socioeconômico de cada localização geográfica. Nesse contexto, interpretações e abordagens distintas são necessárias para abarcar o entendimento de novas paisagens e configurações do espaço urbano que, enquanto desdobramentos de novas lógicas e dinâmicas de conformação da cidade, constituem-se com base em elementos representativos de uma dinâmica de (re)produção do espaço urbano de um momento de crise - crises ou emergências são, a nosso ver, conjunturas que nos servirão para colocar à prova a relação da sociedade e da cultura com o espaço urbano contemporâneo.

A crise global tem apontado para a responsabilidade da arquitetura - e outros campos disciplinares afins - com a produção e constituição da cidade como a sociologia, geografia e antropologia - introduzindo uma dura crítica: os extremos cometidos. Benefícios encobertos como a especulação do território, benefícios dispensados pelo comum acordo de um sistema financeiro pervertido pelo que é construir, ainda mais, pelo sinônimo de economizar ou gerar plusvalias com garantias maiores do que as monetárias no mercado de valores.

Nesse contexto, o que se nos apresenta como mais oportuno para estes tempos é radicalizar o olhar, extremar as ações. Tanto pela urgência de muitas das formas de acordo, como pela necessidade de uma mudança global de mentalidade, há que se considerar a não observância das regras do jogo, os processos in extremis, - processos esses que nos aportam a necessidade de despertarmos da paralisia perante as inércias induzidas por agentes internos e externos a arquitetura. É necessário comparar esses processos com os que, neste momento, ad marginem, constituem a cidade.

A investigação de processos espaciais e sócio-espaciais, não necessariamente denomináveis enquanto arquitetônicos, deve ser capaz de permitir a compreensão dos giros que a crise está gerando, mas não para fazer uso da definição do estatuto da arquitetura e do urbanismo que temos manejado durante décadas, mas sim para buscar uma nova convenção que nos permita ressituar essa definição e assumir novas variáveis que possamos transmitir às próximas gerações de pesquisadores que trabalharão com o 'fazer cidade' em anos futuros.

Se a crise social dos 60 impulsionou a arquitetura a comportar-se como sociologia, se as chaves tecnológicas condicionam um giro para a programação frente a projeção convencional, se a geografia humana aporta questões aos processos de produção da cidade, se as ciências da vida comparecem na cena arquitetônica de forma mais forte do que um mero formalismo ou uma aplicabilidade material, neste momento devemos indagar o que é necessário para afrontar (fazer frente), dar resposta a apatia imaginativa de quem se acostumou muito rapidamente a pensar apenas que o capital, o dinheiro é capaz de respaldar a resposta.

A crise não deve ser percebida apenas como econômica, mas também institucional, de organização geral, que não se vence apenas com a mudança do governante, mas sim que agora, mais do que em qualquer outro momento da constituição da Modernidade, devemos impulsionar-nos pelo próprio sentido de catarsis a que a crise nos obriga.

Entendendo que o ambiente urbano resulta de formas singulares da relação entre o homem e seu espaço físico, espaços de representação das relações humanas, traços caóticos de confluência de pluralidades que percorrem a multiplicidade de culturas e modos de vida, que regem e participam dos acontecimentos, os distintos textos dessa sessão exploram relações e tangências de espacialidades e processos urbanos em seus novos contextos,

interrogando dimensões da produção e reprodução do espaço urbano contemporâneo nesse momento de crise. No momento em que as cidades se convertem em chave do intercâmbio de bens (pessoas/informações), entendendo a realização da vida como condição e produto do estabelecimento de relações reais, em que se observa uma sociedade que deseja “tudo” a todo o momento, como enfrentar processos de urbanização do simulacro e da liquidez na construção social de formas urbanas?

A partir dessa proposição, a sessão livre se propõe a apontar alguns dos pontos de inflexão em práticas e ideias que fundamentam, produzem e reproduzem a cidade contemporânea e as concepções relativas à compreensão de seus processos de produção, numa articulação teoria/realidade urbana e localização/mundialização, rediscutindo os marcos de compreensão e de práticas espaciais e de intervenção, através de uma compreensão crítica sobre essas mesmas práticas e intervenções.

Nesse enquadramento, tendo como justificativa a investigação da cidade contemporânea, seus processos de conformação e transformações espaciais, suas espacialidades, novas formas de sociabilidade e expressão cultural de seu meio ambiente urbano, essa sessão tem como objetivo identificar e, preliminarmente avaliar, distintos processos que se caracterizam como pontas de lança da constituição de cidade, distinto de ser produção de cidade; verificar, do ponto de vista teórico e empírico, como se manifestam as tensões entre espaços, espacialidades e territorialidades urbanas, na e da cidade contemporânea; potencializar a construção de uma análise transdisciplinar mais profunda do fenômeno urbano contemporâneo em suas distintas escalas, níveis e dimensões, de modo a superar análises instaladas no plano fenomênico em direção aos fundamentos e processos que constituem e dão sentido ao espaço urbano no movimento indicado pelo processo de mundialização; e apoiar e estimular a transferência dos resultados dessas reflexões e ampliar os seus canais de recepção, possibilitando a extensão do debate a um âmbito de investigadores mais amplo.

Pretende-se a comparação entre situações que reconhecemos como distintas: a emergência e renovação do espaço urbano brasileiro e sul-americano e a densificação e contração do espaço urbano europeu – sem dúvida não entendemos essas diferenças como pertencentes a processos contrapostos, mas sim como materializações diversas de uma mesma dinâmica mundial de conformação do espaço.

Palavras-chave: cidade contemporânea, novas urbanidades, produção do espaço urbano

VETORES DE DISSOLUÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

Autor: Carmen Guerra de Hoyos

Resumo

Dentro das dinâmicas reconhecíveis dos processos de transformação da cidade contemporânea, propomos o estabelecimento de uma primeira linha divisória que permite distinguir realidades que, ainda que respondam ao mesmo fluxo econômico produtivo, se manifestam de modo diverso em situações geográficas diferentes: processos de emergência, de expansão, frente a processos de crises, de contração.

Desde a comparação destas tendências estaremos em condições de nos aproximar com clareza das chaves de distintos processos de transformação. Processos em que se podem detectar desde vetores da dissolução do espaço público, a sua absorção pelos meios de comunicação que introduzem a esfera global no espaço de experimentação e vice-versa. Também analisaremos situações de hibridação, mutações, apropriações, inversões das

qualidades do espaço urbano que colocam em cheque as categorias tradicionais do espaço público e os processos de valoração do ambiente urbano, da cidade.

Por último, no campo de conhecimento transdisciplinar em que se converteram os estudos urbanos, não poderíamos ser realmente operativos se o teórico que propomos não compreendesse novas ferramentas metodológicas que ajudassem a tornar visíveis os problemas detectados. Nesse sentido, nos serviremos interpretativamente de representações cartográficas conceituais como meio para orientarmos um debate denso, complexo, que se reproduz em múltiplas capas e para alcançar a proposição de um terreno comum de idéias a partir de dados concretos de estudo.

Palavras-chave: espacialização do conhecimento, espaço público, interpretação

INFRA-ESTRUTURAS E EQUIPAMENTOS COMO ELEMENTOS DE UMA NOVA TERRITORIALIDADE SUBURBANA: O DISTRITO DA COSTA, SANTA FE, ARGENTINA

Júlio Arroyo

Resumo

Os processos de suburbanização continuam desenvolvendo-se na atualidade segundo duas variantes: a) desenvolvimentos imobiliários tipo bairros fechados ou clubes de campo, com desdobramentos de exclusão e seletividade social; b) desenvolvimentos abertos, com loteamentos de terras periurbanas com intenções basicamente imobiliárias.

Esta última categoria permite a convivência de antigos e novos residentes, conforme um acelerado processo de urbanização condicionado por fatores decorrentes de novas defesas hídricas, maior acessibilidade viária e revalorização da paisagem local que, em seu todo, proporciona outras condições de ocupação do território natural (melhores para alguns) favorecendo a residência permanente sobre a temporária ou de veraneio. Esse processo se verifica ao longo de antiga rodovia que interliga o primeiro assentamento da cidade de Santa Fe, Argentina (1573), com sua atual localização.

Reconhecendo a substancial diferença entre as suburbanizações fechadas e as abertas, o trabalho caracteriza o caso como um fenômeno de emergência urbana no qual se exacerba o local, sem que isso signifique a negação de tendências da cidade contemporânea. Pelo contrário, produz um fenômeno que transcende a questão e permite refletir sobre o modo de construção do território público nas suas dimensões materiais (território físico-espacial definido por elementos que o marcam e delimitam), urbanos (território tensionado por relações centros/periferias, bordas/fronteiras, homogeneidades/diferenciações, infra-estruturas/serviços), sociais (territórios de exclusão/inclusão, congregação/dispersão, cidadãos/vizinhos, locais/estrangeiros) e culturais (territórios simbólicos expressos em imaginários e narrativas). Pretende-se uma aproximação que contribua aos objetivos da proposta Processos extremos na constituição da cidade: da crise à emergência.

Palavras-chave: suburbanidade, equipamentos, espaço público

DISPUTAS EM TORNO DA IMAGEM IDENTITÁRIA DE UM BAIRRO LISBOETA: A INVENÇÃO TEMÁTICA DA MOURARIA DO SÉCULO XXI

Marluci Menezes

Resumo

Esta reflexão surge de um interesse mais amplo sobre o estudo dos processos socioculturais de inscrição de determinadas espacialidades urbanas no mapa social da cidade. Em específico, remete para um percurso pessoal de trabalho relacionado com um bairro lisboeta – Mouraria – iniciado nos anos 90, onde se tem refletido sobre os motivos socioculturais dos dilemas e conflitos simbólicos subjacentes ao processo de construção de imagens identitárias do bairro.

Recentemente chama a atenção uma espécie de descoberta cultural deste bairro marcado por múltiplas dinâmicas e imagens ligadas à tradição, cultura popular, liminaridade e perigo, multiculturalidade e multietnicidade, historicidade e património, onde as práticas sociais no espaço público urbano (EPU) têm particular influência na configuração dessas mesmas imagens. Atualmente contribui o Programa Ação Mouraria cuja “intervenção de maior visibilidade e indutora de novos comportamentos será a requalificação do espaço público”. Esta descoberta ecoa numa disputa, em esfera pública, por uma espécie de ordem imaginária do que afinal é o bairro, refletindo imagens trazidas pelos novos (e potenciais) moradores, associações, terceiro setor, comerciantes, empresários culturais, poder público, a mídia e vozes acadêmicas dedicadas a estudar a presente transformação local. As vozes dos moradores nem sempre ressoam com o mesmo impacto.

A partir de certas dinâmicas que sucedem nos EPU locais – com destaque para a Praça do Martim Moniz –, discute-se alguns aspectos da sustentação de determinados imaginários locais contemporâneos, enfatizando a importância em acompanhar os processos socio-espaciais a partir das práticas de uso e apropriação dos EPU e respectivos contra usos.

Palavras-chave: imagens, espaço público urbano, intervenção e práticas sociais

A CIDADE COMO CAMPO DE TRÂNSITOS E MEDIAÇÕES: UM OLHAR A PARTIR DE SUAS MARGENS

Thais Rosa

Resumo

Esta comunicação ancora-se em pesquisa empírica com trajetórias urbanas de moradores de periferias urbanas brasileiras e propõe discutir processos multi-situados de conformação e apreensão da espacialidade da cidade contemporânea, a partir de suas margens. O percurso proposto à reflexão parte da experiência e da significação em direção à materialidade urbana: dispõe-se a pensar a cidade como categoria da prática, considerando repertórios correntes e colocando-os em relação com a cidade tal qual conceituada pelas ciências humanas. Trata-se, portanto, de uma opção analítica pautada pelo questionamento dos pressupostos normativos que orientam tais concepções de cidade (e daquilo que seria o seu “avesso”), colocando-as em perspectiva.

Desta operação, a cidade emerge como campo de trânsitos e mediações entre territórios, mundos e sociabilidades distintas, trazendo à tona transitividades urbanas que parecem ser constituintes de processos e dinâmicas sócio-espaciais contemporâneos no Brasil. Ao indagar pelas experiências e espaços urbanos que as trajetórias delineiam (e pelos quais são delineadas), dialoga-se com perspectivas multidisciplinares de apreensão da urbanidade em ato: seria possível pensar a cidade a partir das categorias da liminaridade, da passagem, do espaçamento e da contiguidade? Ou, ainda, a partir da idéia de espaços descontínuos e regiões de significação, articulados entre si por eventos de mobilidade, cursos de ação singular?

Pretende-se refletir sobre um modo de interrogar o espaço urbano contemporâneo a partir, simultaneamente, de sua capacidade de aproximar e de seu efeito de discriminar e distanciar: uma abordagem das fronteiras sócio-espaciais (simultaneamente territoriais e simbólicas) a partir dos cruzamentos que elas ensejam.

Palavras-chave: trajetórias urbanas, processos sócio-espaciais, fronteiras